

Introdução Editorial

Keisha Bell



A necessidade de resistência corporificada pelas performances artísticas e culturais na América Latina e no Caribe nunca foi tão crucial quanto agora. Enquanto escrevo, o mundo testemunhou a invasão da Venezuela pelos Estados Unidos depois de meses de assassinatos extrajudiciais no Mar do Caribe, contínuas ameaças imperialistas dos EUA a Cuba, México e outros países da América Central, e a coerção política e econômica de nações caribenhas para cumprir com aspirações hegemônicas estado-unidenses.¹ Apesar disso, artistas da região continuam fazendo o que sempre fizeram com sua arte—expondo e reimaginando o mundo. O sétimo álbum de estúdio de Bad Bunny, *DeBí TiRaR MaS FOToS*, ganhou o prêmio de Álbum do Ano no Grammy Awards de 2026, tornando-se o primeiro artista latino a alcançar esse feito na história do prêmio. Gravado inteiramente em espanhol, o álbum é uma carta de amor descarada à ilha de Porto Rico. A decisão do artista, em setembro de 2025, de excluir os EUA de sua turnê foi uma resposta direta às violentas batidas anti-imigração do Departamento de Homeland Security do país. A Jamaica também perdeu duas lendas do reggae—Jimmy Cliff e Stephen “Cat” Coore, da banda Third World. Ambos os artistas ajudaram a moldar o som e a cultura do protesto musical na década de 1970, quando os rastafáris estavam sujeitos à repressão política, social e econômica. A arte é, de fato, resistência.

Como musicista, etnomusicóloga e Caribbeanista, minha intenção com essa Edição Especial era destacar a rica herança musical da América Latina e do Caribe; uma herança forjada na brutalidade do genocídio, da escravização e da servidão por contrato, e a práxis de resistência e libertação que isso engendrou. Decidi, então, ampliar o escopo da Edição para incluir outras formas de arte que não tinham a mesma exposição global. Graças aos colaboradores, essa Edição superou minhas expectativas. As obras criativas, entrevistas, e ensaios críticos são um testemunho das diversas maneiras pelas quais as culturas performativas da América Latina e do Caribe fizeram e continuam a fazer um trabalho de resistência.

Com onze contribuições, a Edição cobre um terreno amplo: teatro feminista e experimental na América Latina, performances de poesia falada em Trinidad e na Jamaica, tradições teatrais orais em Tobago, e três das exportações musicais populares do Caribe—calypso, reggae e soca. Nossos colaboradores encaram de frente as análises políticas, abordando questões urgentes de violência baseada em gênero, imigração e identidade diaspórica. A Edição abrange a extensão geográfica da região, com pesquisadores e conteúdos representando Trinidad e Tobago, Jamaica, Brasil, Chile, Toronto, Nova Iorque e Finlândia.

“Broto de Cabaça, Open Mic Calabash” e “Antro-poetas dos Pátios de East Port-of-Spain” abordam a performance de poesias faladas a partir de uma perspectiva de primeira pessoa e como metodologia de pesquisa. O poema “REVEL,” de Sashoya Simpson, e a arte de capa, de Caleb Levy, celebram as tradições de dança que “desmantelam o opressor” por meio de performances cheias de alegria. “Vermelho é a Cor da Memória” refina o uso das palavras “*rojo*” e “*red*” como

¹ Al Jazeera. 2026. “President Diaz-Canel Slams Trump’s Bid to ‘Suffocate’ Cuba’s Economy.” Al Jazeera, January 31. <https://www.aljazeera.com/news/2026/1/31/president-diaz-canel-slams-trumps-bid-to-suffocate-cuba-economy>

metáforas para o impacto sobre o indivíduo da migração chilena para o Canadá.

Nossa Edição apresenta artigos republicados que se conectam por meio do estilo musical calypso. “Salvando Calypso,” da autora trinitária-canadense Gloria Blizzard, aprofunda-se na rica e frequentemente negligenciada história da música calypso, com sua entrevista com outro trinitário, o músico Jesse Ryan. A música calypso e os tambores de aço figuram na paisagem sonora de *Transference*, de Vanessa Godden, que eles discutem na entrevista “Sobre Performance, Família e Queerness: Uma Conversa com Vanessa Godden.” *Transference* explora a interseção de *queerness* com a identidade diaspórica de Trinidad por meio da imersão corporal em recipientes cheios de água salgada. À medida que Godden passa de recipientes maiores aos menores, é possível observar a corporificação das lutas de sujeitos queers negociando pertencimento dentro de estruturas preestabelecidas.

Os ensaios críticos apresentados nesta Edição fazem importante intervenções nos campos de estudos teatrais e de performance, da crítica literária caribenha e da etnomusicologia. Com seus trabalhos, os autores ilustram como pesquisas e práxis da região são negligenciadas, seja por estudiosos do norte global ou por hegemonias regionais. Em “Libertação, Cultura e Ritual Negro,” o etnomusicólogo jamaicano e curador do Jamaica Music Museum, Herbie Miller, discute o papel que a música e a cultura desempenham no projeto mais amplo de libertação negra.

Trabalhar nessa Edição ao longo do último ano trouxe a mesma sensação de satisfação que sinto ao ver uma composição musical ir do rascunho à performance. Editar essa Edição é como escrever para uma orquestra sinfônica, onde cada peça harmoniza com as outras para ilustrar a resiliência e a determinação dos povos da América Latina e do Caribe. Sou grata aos colaboradores e revisores que doaram seu labor a esse projeto. Um agradecimento especial à editora-chefe de IYARIC, Tka Pinnock, e à comunidade CERLAC da York University pelo apoio.